

AO DOMINGO

O sistema bancário português aguenta-se sem a participação de bancos estrangeiros?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“O sistema bancário português será, seguramente, dentro de algum tempo, um caso de estudo nos departamentos e faculdades de Economia. Ainda não sabemos muito bem se apenas como exemplo de como não fazer as coisas ou também como lição de superação (residual, parcial ou completa) de situações (e erros) graves. Face à complexidade da questão, o mais sensato será fazer como se diz que os jesuítas fazem – responder a uma pergunta com outra pergunta (ou com outras perguntas). Assim sendo, cá vão: o Santander que adquiriu o Banif pertence ao sistema bancário português ou a um sistema financeiro internacional onde as fronteiras contam cada vez menos? O cenário de concretização de uma união bancária evitaria o colapso de instituições bancárias verificado em Portugal ou, pelo menos, atenuaria as suas consequências?●●



Elisa Ferreira
Eurodeputada
do PS

“Colocar a questão sob o ponto de vista da nacionalidade já não faz muito sentido no momento atual. O capital dos bancos privados já dificilmente se pode considerar que esteja em mãos nacionais e mesmo quando está não há uma relação direta com a defesa dos interesses nacionais. Isto significa que o problema central é de saber se o sistema bancário nacional serve os interesses do país em termos de proteção da poupança, fornecimento de crédito às atividades produtivas e geradoras de emprego e estabilidade sistémica, mais do que discutir se o capital é detido por operadores nacionais ou estrangeiros. Importante é preservar uma função de centralidade à banca pública detida pelo Estado e reforçar a qualidade da regulação e supervisão.●●



Sebastião Fayo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

“Este é um tema relevantíssimo, de complexidade máxima, desde logo e em primeiro lugar político, mas também técnico! Penso que é muito importante que Portugal tenha instituições bancárias nacionais, públicas e privadas. Falando das instituições generalistas, acredito na capacidade dos nossos políticos e especialistas de gerarem um número reduzido dessas instituições, competitivas, ou pelo menos resistentes na cena internacional. Acredito que podemos, mas, como cidadão comum, vejo com muito desconforto, perplexidade e maior preocupação o esbanjar incompreensível de recursos do sistema financeiro, num clima de uma aparente permissividade, aliás este um problema nosso, com laivos de endémico. Precisamos de uma supervisão e de uma regulação mais fortes. No sistema público, Portugal precisa de um Banco de Portugal e de uma Caixa Geral de Depósitos, como precisa de universidades, hospitais e tribunais com melhor organização, mais fortes e eficientes no cumprimento das suas missões.●●